

CLARIDADE E CERTEZA: MOVIMENTOS DECISIVOS DA LITERATURA EM CABO VERDE

Prof.^a. Dr.^a. Jurema José de Oliveira(UERJ)¹

Segundo Benjamin Abdala Júnior (ABDALA, 2003, p.263), a história da literatura de Cabo Verde divide-se em duas fases: antes e depois de *Claridade* (1936-1960). O percurso desta revista está ligado aos aspectos de ordem política, social, histórica e literária. Na década de 1930, os escritores cabo-verdianos começam a questionar qual seria de fato a identidade da literatura produzida por eles.

Tal identidade estava presa, inicialmente, às características regionais do arquipélago e aos valores portugueses, mas vai, pouco a pouco, evoluindo para uma ruptura definitiva com a Metrópole que os acolheu em períodos anteriores. Em seguida, essa identidade se inscreve num contexto de investigação em que os escritores envolvidos na produção discursiva buscam, acima de tudo, criar uma literatura de caráter nacional.

Os cabo-verdianos começavam a ver o Arquipélago como um espaço carente de uma narrativa de cunho nacional, capaz de acolher todas as vozes ali fixadas. Esses intelectuais passam a criar com os olhos fixos na criouldade decorrente da mesclagem étnica e cultural de seu país.

Na visão de Manuel Ferreira (FERREIRA, 1989, p.189), a morte do discurso metropolitano se dá com o nascimento de *Claridade*. A especificidade da literatura cabo-verdiana é a diferença, isto é, a oposição intrínseca que esta estabelece com as demais (a colonial, a africana de língua portuguesa dos demais países e a brasileira). Os "claridosos" precisavam reinventar suas raízes, logo, o caminho primordial seria saber qual a origem da pátria imaginada. Primeiramente, tinham que se desvencilhar "da pátria imperial, da pátria 'externa'", para criar no vazio simbólico a imagem mítica da "cabo-verdianidade".

José Lopes e Pedro Cardoso criam uma poética capaz de desempenhar um papel fundamental no estabelecimento da "nova cosmogonia", construída a partir da lenda e do mito. Ambos os autores, metaforicamente, reatualizam "a lenda da Atlântica" (FERREIRA, 1989, p.190) e fundam na poesia a "narração da nação". Em *Claridade*, a temática identidade nacional tem um perfil mais realista e dinâmico distinto daquele pensado pela corrente que antecedeu o nascimento da revista. Com ela nasce um novo projeto, o da "cabo-verdianidade". O tempo, culturalmente, era outro, logo:

com a *Claridade*, esses mesmos temas são tratados não de um ponto de vista realista, enquadrados no concreto social. Estamos, pois, em tempo cultural diferente, que permite a concretização de uma literatura marcada pelo 'realismo crítico', no conceito de Lukács (FERREIRA, 1987, p.43).

As temáticas recebem, como afirma Ferreira, uma nova roupagem, conseqüentemente, um novo olhar do universo crioulo. A criouldade, na proposta da revista *Claridade*, está intimamente ligada à experiência literária e cultural e aos valores de Cabo Verde:

Claridade iniciava-se com um testemunho vivo do respeito pelos valores cabo-verdianos, privilegiando, num lugar de destaque, a língua crioula, que durante anos de colonialismo foi objecto de repressão. Era, assim, um desafio à autoridade, assumindo como defesa das raízes mais profundas do povo (LARANJEIRA, 1995, p.190).

Esse posicionamento desencadeia uma revolução discursiva, já que os "claridosos" estão voltados completamente para um empreendimento de construção identitária. Segundo Manuel Duarte, os "intelectuais do grupo *Claridade*(...) empreenderam a tarefa colectiva e histórica de enraizar as letras cabo-verdianas (DUARTE, 1995, p.643).

Inicialmente, *Claridade* apresenta o arcabouço dos princípios norteadores da poética da "cabo-verdianidade", tanto pelos propósitos estabelecidos pela revista como pelo conteúdo

¹ Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Literários: literatura; outras linguagens, outros discursos (UERJ), juremajoliveira@hotmail.com

veiculado nos seus exemplares. Os colaboradores-fundadores foram Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. Os primeiros números são editados entre março de 1936 e março de 1937. Além dos nomes já citados, destacam-se Pedro Corsino de Azevedo e José Osório de Oliveira. Este escrevia e divulgava a literatura cabo-verdiana entre portugueses e brasileiros.

Do ponto de vista político-ideológico, a intenção da revista era criar um ideário próprio para afastar definitivamente os escritores de Cabo Verde dos "cânones portugueses e [levá-los a] exprimir a voz colectiva do povo cabo-verdiano, naquilo que ele possui de mais autêntico" (LARANJEIRA, 1995, p.190).

A confirmação do distanciamento literário das obras canônicas de além-mar se dá logo no primeiro e segundo números de *Claridade*, em que os poemas de abertura estão escritos em crioulo. "No 1º número, "Lantuna & 2 motivos de finançom", conjunto que faz parte dos cantares e batuque da Ilha de Santiago. No 2º número, uma morna de Xavier da Cruz (conhecido também como Beleza)" (LARANJEIRA, 1995, p.190).

A revista apresentava traços puramente literários e publicava com maior frequência poemas, contos e artigos que definiam as características sociais de Cabo Verde. Diante disso, pode-se dizer que *Claridade* é o divisor de águas entre a produção de um discurso literário quase exclusivamente preso ao discurso literário português, e uma outra bastante atenta à busca das raízes insulares, capaz de exprimir uma poética renovada, tendo como base os valores e motivações próprios da terra cabo-verdiana. De acordo, ainda, com Manuel Ferreira:

De todas as iniciativas, porém, nunca será demais colocar a tônica na *Claridade*, tão profunda e duradoura foi a transformação por ela operada na história e na evolução da vida literária e cultural do Arquipélago (FERREIRA, 1987, p.43)

A dimensão literária estabelecida pela circulação de *Claridade* gera entre os intelectuais da época um produtivo questionamento acerca do que havia de novo no cenário literário, até então desconhecido deles. Em *A aventura crioula* (1985), Manuel Ferreira faz a seguinte afirmação: "Alguma coisa de insólito se desenrola no panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, talvez sem que, de todo, os responsáveis de *Claridade* se dessem conta do salto qualitativo alcançado" (FERREIRA, 1985, p.231).

Claridade constitui, então, a consolidação definitiva dos "contornos de um sistema literário nacional" (MATA, 2001, p. 43) em Cabo Verde. Cabe ressaltar que esta revista surge em um período sócio-histórico-político-cultural repleto de conflitos em várias partes do mundo, gerados pelos reflexos da Queda da Bolsa em 1929, pelo nazismo e fascismo em voga na Europa e pelo advento da guerra civil espanhola. Paralelamente a esse contexto conturbado, surge no mundo um processo de conscientização gerador da corrente Negritude, cujos mentores foram Aimé Césaire, Léopold Senghor e Leon Damas, além da criação de condições especiais em várias comunidades africanas.

Nesse cenário de consolidação literária, é preciso considerar que, se na poesia havia uma tradição, em decorrência das relações estabelecidas com os poetas portugueses – tradição esta abandonada em prol da nova expressão de envolvimento definitivo no contexto humano do Arquipélago –, em relação à narrativa o caminho seguido foi o do diálogo com os brasileiros. No dizer de Manuel Ferreira, "a aprendizagem literária desses autores foi, *dominantemente*, veiculada pelo texto em português e, como já dissemos, pelo texto brasileiro" (FERREIRA, 1987, p.73).

O projeto iniciado com *Claridade* encontra eco na revista *Certeza* (1944):

O grupo de *Certeza* vem perfilar o ponto de vista neo-realista. São, portanto, marxistas. Quando os componentes do grupo tomaram conhecimento de *Claridade* e logo a seguir da proposta dos neo-realistas portugueses, abandonaram os possíveis liames com um passado "hesperitano" e assumiram na ilha, em modos ideológicos, o drama colectivo em que se debatia a humanidade: a Segunda Guerra Mundial (FERREIRA, 1987, p.51-2).

A Segunda Guerra Mundial modifica por completo a visão de escritores e intelectuais envolvidos com um projeto poético-literário de cunho anticolonialista. Sendo assim, a juventude que formou a equipe de *Certeza*, na fase em que trilhavam seus primeiros passos na poesia e

despertava seu interesse pela literatura e por problemáticas afins, apesar de terem informação sobre os três primeiros números de *Claridade*, não se interessaram ou leram mal sua mensagem tão importante para a história literária de Cabo Verde.

Em função disso, as fontes inspiradoras continuaram a ser José Lopes e Januário Leite. Os dois grandes nomes da poética cabo-verdiana, Jorge Barbosa, que escrevia em língua portuguesa, e Eugénio Tavares, que escrevia em crioulo, não receberam dos jovens de *Certeza* a devida atenção.

O distanciamento das temáticas ligadas à terra-mãe tem a ver com a solidariedade deste grupo com o drama generalizado de homens envolvidos no desencontro de uma época repleta de promessas, mas, também, carregada de desilusões causadas pela Segunda Guerra Mundial, que estava no auge naquela fase. O fato de os jovens tomarem partido no drama mundial abriu uma lacuna entre os ideais pensados por *Claridade* acerca dos problemas do Arquipélago e os novos parâmetros esboçados pelo grupo de *Certeza*. Se a primeira revista direcionou todos os esforços para criar uma narrativa nacional, a segunda lutava contra as formas sociais estabilizadas e estabilizantes e deixou de lado o amor à terra, os estudos das culturas locais e os contrastes sociais do Arquipélago. Para respaldar esta reflexão recupera-se mais uma vez uma passagem da obra *A aventura crioula*:

Donde não lhe haverem merecido especial atenção nem o crioulo nem a raiz mestiça de certas implicações de cultura autóctone que ocuparam, e de modo relevante, um lugar de destaque no grupo da *Claridade*, a ponto de esta, diríamos audaciosamente para a época, não ter hesitado em abrir o seu primeiro número com uma *finaçom* (canção de batuque crioulo) (FERREIRA, 1985, p.273).

A falta de experiência dos jovens responsáveis por *Certeza* põe por terra toda uma preparação cultural construída pelo grupo de *Claridade*. Um dado importante de diferenciação entre os dois grupos é que, politicamente, os membros de *Certeza* estavam tolhidos, sem estrutura, não dispunham de um órgão cultural capaz de aglutinar o grupo em torno de uma proposta mais consistente, de preocupação com os problemas literários e com a pesquisa acerca das realidades de Cabo Verde.

Certeza, apesar de representar um período ímpar na evolução da cultura e da literatura cabo-verdiana, teve curta existência, "sem garra para calar fundo no devir das letras do Arquipélago. Mas longe de poder ser ignorada e muito menos esquecida, dado que é com ela que se introduz em Cabo Verde o discurso literário e cultural de índole marxista" (FERREIRA, 1985, p.273).

Certeza não passou do número 2, já que a censura se encarregou de silenciar o grupo quando saíria o número 3. Nesse ínterim, *Claridade* também teve sua circulação prejudicada pela ausência de Baltasar Lopes da Silva, seu principal mentor. O estágio de reflexão literária foi silenciado temporariamente, mas retomado em 1947 – nove anos depois da publicação do número 3 –, com o retorno de Baltasar Lopes ao Arquipélago.

A renovação e a ampliação da abrangência de *Claridade* se deu com o lançamento dos números 4 e 5 da revista:

Claridade alargava as suas margens e reconquistava o lugar de órgão aglutinador verdadeiramente representativo da *intelligentzia* do Arquipélago, feição que nunca mais viria a perder. E neste fecundo e soberbo empenhamento se furtava a tornar-se bandeira de um grupo para desempenhar o papel mais ambicioso de expressão total da cabo-verdianidade (FERREIRA, 1985, p.275).

Claridade circulou durante 10 anos entre ascensão, silêncio e renovação literária. Durante esse tempo, experimentou o auge e o amadurecimento do grupo com o lançamento do oitavo exemplar, que trazia um panorama local da poesia, ficção, etnografia, sociologia etc. Dos nomes acolhidos por *Claridade* vale lembrar também os de Teixeira de Sousa e Félix Monteiro, que produziram valiosos estudos acerca do homem cabo-verdiano e das estruturas sociais do Arquipélago.

Além dos nomes já citados, o percurso poético cabo-verdiano – que nasce e renasce desde *Claridade* até *Certeza* – contou com a participação de novatos como Terêncio Anahory, Jorge Pedro, Obídio Martins, Onésimo Silveira e, na ficção, Virgílio Pires. Sendo Cabo Verde um país

bilíngüe, o número 8 de *Claridade* lança aquele que se tornou um grande poeta em crioulo, Sérgio Frusoni, bem como dois poetas de língua portuguesa, Corsino Fortes e Virgílio de Melo.

Nesse cenário literário em formação, o diálogo com autores brasileiros tornou-se significativo. Em seu livro *Angola e Brasil: literaturas comparadas* (2002), Tania Macêdo sinaliza a participação de escritores africanos de língua portuguesa no grupo da revista *Sul*:

O que desejamos realçar com esse exemplo é que a revista *Sul*, ao abrir diálogo com as literaturas africanas em língua portuguesa, acabou também por ser, em face da situação dos países sob colonialismo, um espaço onde se guardaram momentos importantes da história literária de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe (MACEDO, 2002, p.49).

Os caminhos trilhados pelos poetas e prosadores de Cabo Verde até o nascimento de *Claridade* eram bastante ambíguos. Tais características só se dissiparam completamente quando "o silêncio se abate na nocturna ausência (a morte) do colonizador (o pai)" (FERREIRA, 1989, p.189). O novo sopro de vida foi, sem dúvida, a revista *Claridade* (1936). No entanto, o complexo edipiano – que ainda vigorava em alguns textos – só desaparecerá por completo do cenário literário cabo-verdiano com a revista *Certeza* (1944). *Certeza* foi aglutinadora de jovens colaboradores, apesar de sua curta existência, que encontraram um campo fértil já solidificado pela geração anterior, e para efeito de conclusão do percurso literário cabo-verdiano durante o Império Português na África, cabe aqui citar o papel de *Suplemento Cultural* (1958), que enterra de vez o suposto Pai (o colono) para elevar Cabo Verde ao lugar de nação – Mãria e Pátria – estabelecadora da ordem social e cultural.

Nesta linha de raciocínio, a verdadeira literatura cabo-verdiana é aquela que resgata a cabo-verdianidade, isto é, a produção de textos que exprimem valorativamente o real do povo de Cabo Verde. Ao longo de sua história literária, Cabo Verde contou com várias vertentes político-ideológicas, mas o século XX viu nascer com *Claridade* um caminho que jamais retrocedeu por completo. Em todos os movimentos de mudanças estruturais ocorrem retrocessos, mas avanços importantes também:

Os intelectuais e escritores, a partir de *Claridade*, (...), projetaram o seu esforço criador nos grandes segmentos que representavam ou simbolizavam a parte viva da sua pátria, ou seja, aquela que não adotava os critérios e os padrões que serviam o colonialismo; e assim, aberta ou implicitamente, condenaram tudo quanto viesse de fora desse projeto nacional (FERREIRA, 1987, p.33).

Referências bibliográficas

- ABDALA Jr., Benjamin. *De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- _____. *Contatos e ressonâncias: literaturas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- DUARTE, Manuel. "Cabovernianidade africanidade". In: *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula*. Lisboa: Plátano, 1985.
- _____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MACÊDO, Tania Celestino de. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- MATA, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar Além, 2001.